

Deponentes: Maria da Conceição M. Rubinger

Entrevistadoras: Maria Céres Pimenta Spinola Castro e Vanuza Nunes Pereira.

Data do depoimento: 25 de junho de 2015

MARIA CÉRES: Hoje é dia 25 de Junho de 2015, nós estamos no laboratório multimídia da FUMEC, gentilmente cedida na Comissão da Verdade em Minas Gerais. Meu nome é Maria Céres Pimenta Spínola Castro, eu sou coordenadora da Comissão da Verdade em Minas Gerais. Ao meu lado está Vanuza.

VANUZA NUNES: Nunes Pereira.

MARIA CÉRES: Nunes Pereira, que é assessora da comissão e nós estamos aqui hoje para colher o depoimento de Conceição Rubinger, Maria da Conceição Rubinger, que vai nos prestar um depoimento a partir da história de vida dela no período a partir do Golpe Militar até aqueles elementos que ela achar que são necessários ser colocados aqui. Ela está aqui de vontade própria e eu vou passar a palavra a ela para que ela possa fazer seu depoimento. Obrigada Conceição, um bom dia, esteja à vontade.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Bom dia para todos. Então eu penso em focar mais a situação vivida por Marcos Magalhães Rubinger com quem me casei [sic] no dia 07 de Março de 1964. Então eu vou enfocar mais a situação dele vivida e naturalmente da minha participação em todo esse processo. Bom eu era estudante do terceiro ano da Faculdade de Ciências Econômicas, FACE da UFMG, na época, o UEMG. Bom então podemos logo ver que no dia 1º de Abril, quando o Golpe Militar que já vinha sido, vinha sendo armado, se mostrou, se manifestou, eu estava com, estávamos eu e Marcos, Professor Marcos Magalhães Rubinger, casado, casados há apenas 24 dias. Bom então no dia 1º de Abril então estourou esse Golpe Militar e voltamos às aulas, porque ainda não havia [sic] acontecido as invasões das universidades, da universidade, como aconteceu no caso da Faculdade de Ciências Econômicas. E nesse primeiro dia de aula, assim a certa altura da manhã, nós ouvimos uns ruídos fortíssimos na rua, muito próximos, então descemos as escadas para ver o que estava acontecendo, estudantes e professores, alguns, não tantos. E identificamos que a Faculdade de Ciências Econômicas ficava situada na Rua Curitiba esquina com Tamoios, nos aproximamos da esquina e vimos que o movimento todo se dava no sindicato dos bancários, vizinho da faculdade. Então ficamos ali algum tempo, muitos,

muitas viaturas policiais, um movimento grande na rua, inclusive populares que passavam, que paravam e se manifestavam também, e presenciamos a retirada de várias pessoas de dentro do sindicato, sendo presas e quase que por último o presidente do sindicato Antônio Faria, que nós pudemos reconhecer tanto pelos alaridos que faziam, as sirenes todas, aquela coisa toda, como também era uma pessoa mais conhecida, não é? Então vimos que ele foi conduzido aos empurrões e também assim foi jogado dentro da viatura. E aí partiu aquilo [sic], aquela procissão de carros ali e nós retornamos para a sala de aula. Mas ninguém mais teve ali muita condição de permanecer muito tempo não é. Mas também ficamos com aquele prenúncio né, aquele medo no coração de que isso pudesse acontecer com a universidade. Então nesse mesmo dia, à noite, ou seja, na calada da noite, a Faculdade de Ciências Econômicas foi ocupada e no dia seguinte quando retornamos às aulas, alguns, os que ouviram noticiário ou qualquer coisa, que eu nem sei se isso foi veiculado na época, chegamos, e a Faculdade de Ciências Econômicas já se encontrava toda cercada por cordões e então já estava interditada a entrada.

MARIA CÉRES: O Professor, o Marcos Rubinger era professor na Faculdade de Ciências Econômicas?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Era professor do curso de sociologia e política, e de administração pública na disciplina Antropologia, eu fui aluna dele no primeiro ano. E quando aconteceu, é o Golpe Militar, eu já estava no terceiro ano, iniciando o terceiro ano, então já nessa época casados, recém-casados. Bom então isso aconteceu logo nos primeiros dias, e a faculdade é interditada porque lá, depois é que fomos ver, depois de alguns dias, os livros, a biblioteca dos professores, o material da sua mesa de trabalho, tudo aquilo estava jogado para todo lado e faltando muita coisa. Livros de Antropologia, Sociologia no caso do Marcos, que a gente pôde identificar, Arqueologia, que eram áreas todas que ele lidava com frequência. Já não estavam [sic], grande parte deles importados, como os que tínhamos também em casa. Bom é passado uns dias, o Marcos foi convocado para prestar depoimento. E após essa, e o que estava responsável pela tomada do depoimento era o Capitão Tomé, também fica muito conhecido nesse processo todo. No final da entrevista liberaram para ele ir para casa, na condição de não sair do domicílio, nem de Belo Horizonte. Bom com isso a gente já percebeu o quê que estava para acontecer. Assim acho que questão de uns dois ou três dias depois, mais ou menos por volta das 11h00min da noite, ouvimos aquele ruído de sirenes, de barulhada, voz, vozes de, masculinas, carros fazendo movimentos

bruscos, freadas e coisas assim. Aquilo nos assustou e nós não tivemos nem muito tempo, daí a pouco só podia ter sido a colocação de um farol imenso na janela do quarto, um farol de busca da polícia, muito forte. E então o nosso apartamento ficava situado na Rua Angustura, um apartamento, um prédio pequeno de três andares, e o nosso era o de frente, o primeiro andar. Então a janela do quarto, o quarto ficava então virado para a rua, a janela do quarto um pontinho mais alto, mas era rente à calçada. Aí os berros gritando ordem de prisão, falando o nome do Marcos completo e mandando abrir o portão e o apartamento. Aí o Marcos saiu de pijama, sem óculos, que quase não enxergava, descalço e foi lá abrir o portão. E assim, foi quase uma invasão, eu fiquei da porta de entrada do apartamento e pude ver, quase que atropelaram ele na entrada, um monte de faixa amarela né, dois com metralhadora, um era o Capitão Américo, que depois o Marcos me falou o nome. E entraram no apartamento, ele já voltou com a metralhadora nas costas, mal entramos, esse Capitão Américo manifestou a questão de retirar o Marcos imediatamente. E os outros já tinham entrado, também eram mais dois cômodos apenas, um quarto e um escritório, eles ficaram na cozinha e eles já jogando tudo pelos ares, coisas assim. Eu não permiti, falei “Olha, aqui você entrou na casa de um professor responsável e aqui não tem nenhum criminoso, então o senhor via esperar porque ele vai se trocar para sair.” E fui, peguei roupa, sapato e óculos, ele teve que se trocar na cozinha em frente ao Capitão com a metralhadora apontada. E aí eu comecei a ficar perplexa de ver, voava livro do escritório até lá fora, as gavetas, por exemplo, da cômoda, pegavam assim, jogavam tudo. Eu cheguei e perguntei: “Qual é a necessidade de fazer desta forma?” Eles falaram assim “Estamos procurando armas e material subversivo. Onde estão as armas?” Gritaram. Isso eu já estava lá e o Capitão lá na cozinha. Eu falei assim “Olha chega aqui no escritório, aqui (Trecho incompreensível) flechas e arcos, aqui é uma casa de Antropólogo, isso é o que nós temos.” O Capitão, nisso já estava tudo espalhado, não foi tão curtinho assim como eu estou falando. O Capitão ficou muito desconsertado, eu percebi e falou com eles: “Já terminaram? Já está na hora de sairmos.” Mas eles já tinham jogado tudo, não tinha um livro nas prateleiras, botaram uma mão assim e iam jogando tudo, depois iam pegando e olhando e tal. Inclusive uma coisa muito interessante e até engraçada, eles pegaram um livro de um integralista muito conhecido aqui, o Plínio Salgado, que o título, cujo título era assim: “Cuba, Satélite Soviética”, eles pegaram. “Ah aqui temos um material subversivo”, eu fiquei contente. Bom enfim, mas os livros espatifados, o material de pesquisa que nós

que lidamos com universidade sabemos perfeitamente que quando está em cadernetas de campo é material preciosíssimo e que se destruído fica muito difícil à reconstituição, da mais na condição [sic] em que passamos a viver a partir daquele momento. Bom então terminado isso, o Capitão Américo mandou o Marcos se ind [sic], direcionar para a porta de saída e com a metralhadora pelas cotas e o outro pela frente. Então entraram nos carros e partiram. Eu imediatamente tranquei o portão da rua, fechei a porta de entrada da casa, fechei as janelas todas e apaguei as luzes. Nós não tínhamos telefone em casa, estávamos recém-casados, não conhecíamos nem o bairro direito. Eu não senti coragem de sair pela rua de madrugada naquela situação para procurar um taxi, muito menos. Então resolvi ficar ali no escuro só para de manhã tomar algum, um outro caminho né [sic]. Então eu não sei o tempo exato, eu assim, o meu relógio interno eu imagino que foi mais ou menos uma hora, uma hora e meia, eu escuto um barulhinho de carro estacionando perto do prédio, quase que eu respirava assim baixinho de tanto medo ali que estava. Então ouvi a voz chamando meio sussurrada, eu acho que tentando ver se assim eu não perceberia se não era voz do Marcos, e me chamava pelo nome: “Conceição, abara a porta.” Eu fiquei em silêncio, não me mexi. Torno a repetir, eu tive certeza que não era a voz do Marcos, não tinha o que fazer, fiquei sem me mover. Bom chamou mais um pouco e eu ouvi: “Acho que ela não está mais aqui”, alguma coisa por aí, isso foi, aí o carro foi embora. Bom o Marcos ficou incomunicável, só um mês depois que eu realmente tive a confirmação que ele nunca esteve ali, então...

MARIA CÉRES: Você se lembra que dia que foi que ele foi preso?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Sim. No dia, no dia 12 de Abril de 64.

MARIA CÉRES: E ele ficou um mês incomunicável a partir desse dia 12?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ficou um mês incomunicável. E depois desse mês eles liberaram, era o DOPS né, mas assim, durante uns três ou quatro dias, nós não tínhamos notícias onde ele estava e como estava, ficamos sabendo pelos, pela mídia, aí fomos esperando até que pudemos ter acesso. Às vezes algum familiar de alguém que já estava lá antes dava uma notícia para a gente “Oh o Marcos está lá mesmo”, alguma coisa assim. E a partir desse tempo o próprio DOPS solicitou roupas, algumas coisas assim e liberaram visitas curtíssimas para que a gente levasse troca de roupa, algum alimento. E no princípio entregávamos e eles encaminhavam [sic], a gente não tinha contato, e depois era assim, um pouquinho mais na sala do Daviasan, no meu caso sempre foi na sala do Daviasan, eu não sei bem como os outros, mas eu, pela

minha memória eu acho que não tinha outro local onde a família que visitava o preso pudesse ter um pequeno contato ali, mas sempre tinha alguém na sala deles. Então a gente tinha esses breves contatos [sic]. Eu até levava, tinha o Padre Lage estava lá também, a propósito eu levava dentro de uma revista Ave Maria alguns recortes de jornais para eles e colocava ali e pedia “Olha entregue o Padre Lage a revista”...

MARIA CÉRES: Ave Maria.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Então entrava algumas notícias né. Bom então a prisão preventiva, então o Marcos estava preso sem prisão preventiva decretada, essa prisão preventiva ela foi decretada no mês de Junho, então ficou Abril, Maio e Junho a prisão absurdamente ilegal, sem nem prisão preventiva decretada. Eu não sei exatamente o dia, mas foi no mês de Junho de 64. E não tardou que ele fosse após a decretação transferido para a Colônia Penal de Neves, que foi mais ou menos no mesmo mês, eu tenho essa data em recortes de jornais, mas no livro do Romaneli, não é, 1964 as experiências, tal, tal, tal, dele, como exilado e tudo e preso político, aí está registrado a chegada deles lá e tanto o Romaneli como o Guio, o Edmur, esses jornalistas, Romaneli é advogado, o Marcos, continuaram incomunicáveis. Chegaram num grupo maior [sic], esse grupo maior pode ficar lá na selas [sic], mas com certa liberdade nos pátios de está fora ao ar livre. E eles ficaram incomunicáveis por algum tempo. E no livro do Romaneli está muito bem descrito todas as falas que o responsável pela colônia naquele tempo, e responsável por esses presos incomunicáveis, o Romaneli descreve com detalhe no seu livro, e é absolutamente verídico. Depois que essa incomunicabilidade foi suspensa, eles então também ocuparam selas, eram duas alas, um pavilhão grande com grades tanto na janela como na portia [sic], porta, mas essa porta moralmente ficava aberta. Teve um periodozinho [sic] lá que eu acho que o conjunto dos que estavam presos né, alguns lá ganharam uma cachaças e eles tomaram, então foram todos presos com chave debaixo da (trecho incompreensível). E quem não ajudou a resolver isso foi o Deputado Estadual na época Cássio Gonçalves, ele fez, tomou as providências jurídicas, acho que uns dois dias, alguma coisa assim eles já estavam com isso resolvido. Muito bem, bom nessa colônia penal o Marcos ficou do mês de Junho até 24 de Dezembro de 64. Então aí a gente tinha a possibilidade de visitar, eu ia com frequência grande, a esposa do Romaneli também. Para lá não foram os outros professores que foram liberados ainda no DOPS, Simon Shuartman, Eli Bonini e outros. O Professor Silvio Vasconcelos eu nem me lembro dele ter estado no DOPS, não tenho essa lembrança, mas faziam parte do mesmo

processo. Então lá na colônia penal, num certo momento [sic], ela estava superlotada, muita gente. Estudantes, inclusive vários da faculdade de Ciências Econômicas, professores, jornalistas e preponderante também, artista plástico, Vicente de Abreu, eu já falei o Edmur Fonseca, não é? Rui de Almeida.

MARIA CÉRES: Sindicalistas?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Então...

MARIA CÉRES: Sindicalistas?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Hein?

MARIA CÉRES: Sindicalista o Antônio Faria?

MARIA DA CONCEIÇÃO: O Antônio Faria, o Antônio Faria também esteve no DOPS. E É o Sagas que era um jornalista, um jornalista não, um livreiro estava lá, o Beto que era estudante de Sociologia que foi assassinado naquela casa da morte, lá em Petrópolis, estava lá. O Beto era um menino dá até dó no coração de lembrar, o Beto fazia pipas e soltava os papagaios lá rindo e brincando como uma criança. Então assim, a gente realmente vê que as coisas foram muito, muito duras, e a violência e assim a invasão da vida humana é realmente uma coisa absurda e irresponsável da forma como estava sendo conduzida. Muito bem, o quê que quê acontecia? Eu estou dizendo da colônia penal superpovoada de presos e de repente foi se esvaziando, esvaziando. No final, quando chegou mais menos final de Novembro para Dezembro, acho que era umas quatro pessoas, dentre elas o Marcos Rubinger. Os pedidos de relaxamento da prisão preventiva dele, que foram feitos anteriormente, não foram aprovados. Então estava para ocorrer o julgamento a nível desse pedido de habeas corpus no Superior Tribunal Militar no Rio de Janeiro. Então diante de toda essa situação eu decidi que daquela vez eu iria para assistir pessoalmente e acompanhar, para tomar, ter assim uma noção de como que a coisa estava. Bom então isso eu creio que foi mais ou menos por volta de vinte de Novembro de 64, por aí, é isso, como é o julgamento no Superior Tribunal Militar deve haver documentos sobre isso aí, eu acho que no arquivo público, se minha memória não falha, eu passei por um documento desse da ID Quatro, sede em Juiz de Fora, comunicando à Secretaria de Segurança de Belo Horizonte o resultado do julgamento. E neste documento, que eu só tive acesso recentemente em pesquisa no arquivo público, o último parágrafo desse ofício pedia que Marcos Magalhães Rubinger fosse conduzido para a prisão em Juiz de Fora, na sede da ID Quatro, preso, bem claro isso. Mas a minha antena me indicou quando eu estive no julgamento do Tribunal de Contas.

MARIA CÉRES: Tribunal de Contas não, Tribunal Superior.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Desculpa, do Tribunal Superior Militar. Quando terminou e que foi negado, também negado, eu fiquei parada e vendo as pessoas saírem e eu parada ali. Eu queria ver se eu via algum dos Ministros do Tribunal, que participaram do julgamento, e que eu tinha afixado à memória, qualquer coisa. De repente um aparece na minha frente, vindo assim, ele vindo de lá e eu parada. Então eu me diráí [sic], me dirigi a ele, não sei quem é, não sei o nome dele e eu perguntei a ele, que eu estava assim perplexa mesmo com essa situação. Que eu não, que por tudo que eu conhecia eu não via razão para isso acontecer com esse professor, sendo que os outros todos já estavam liberados ou com, em domicílio, qualquer coisa assim, mas já estavam, já tinham obtido a liberação. Então ele me falou assim “Olha, você é muito jovem, você poderia ser minha filha”, ele falou assim: “Eu vou te falar, minha filha, você não pense que a gente não teve outras ideias sobre essa definição, mas o Promotor Simião de Faria Filho”, da 4ª Região Militar de Juiz de Fora, isso eu estou completando, ele falou Simião de Faria Filho, “Nos disse que se nós aprovássemos o pedido de habeas corpus que ele sumiria com o Marcos de prisão em prisão.” Aí eu senti aquela coisa muito dura, muito forte, mas pelo menos ficou claro para mim qual era a intenção. E diante disso eu saí com a ideia assim firme em fazer a fuga do Marcos, porque assim, do ponto de vista legal não havia o que fazer. Bom, e vocês vejam aí, fim de Novembro, a carta chegou no dia 06, acho que 06 de Dezembro esse ofício da ID Quatro, 06 de Dezembro já pediam a remoção. Eles demoraram um pouquinho, o tempo que eles demoraram foi para mim assim em cima. Então eu vendi o carro que o Marcos tinha, para ter dinheiro, nós não tínhamos nada. Diga-se de passagem que a universidade suspendeu imediatamente os vencimentos quando ele foi detido. Eu consegui uma certidão do DOPS de que ele estava preso a partir de que dia, e com isso eu tinha conseguido a liberação, algum acho que um mês, alguma coisa a mais, mas era um terço do vencimento, um terço e que se liberado ele receberia os dois terços restante retroativamente. Bom, enfim um terço ali era muito pouco mesmo, então vendi esse carro, organizei a documentação, comecei a fazer contatos com as embaixadas, a primeira foi a embaixada do Chile. Essa embaixada do Chile, agora vai me fugir o nome de um grande artista teatrólogo e tudo, que ele me ajudou no primeiro contato com o Chile, depois com a embaixada. Então a organizar a ida para a embaixada do Chile, deu um problema no local onde se poderia ficar até ter acesso à embaixada, e nisso aí eu tive que mudar o rumo da história. Com essa

dificuldade que houve, a pessoa que estava cedendo, que iria ceder o apartamento não pode ceder mais, então eu tive contato com um estudante de Antropologia da Bolívia, eu estava lá no Rio de Janeiro. E esse estudante de antropologia me falou dele, da possibilidade dele conseguir na embaixada da Bolívia. Foi no mesmo dia e sinal verde, então eu voltei, não tive tempo nem de falar com o Marcos, ele ficou sabendo do anterior, do Chile que não deu certo, esse não deu tempo. Aí eu fui ao DOPS, conversei com o Daviasan, já havia ocorrido no período da incomunicabilidade no DOPS, do primeiro mês, eu me esqueci de falar, saiu nos jornais, principalmente acho que Diário da Tarde, uma notícia de que o Simon Shuartman e o Marcos estavam sendo tratados como porcos judeus, e que era jogado água, isso eles que complementaram para mim depois, no cimento, onde eles teriam que deitar para dormir, e cuspiam nele chamando de porcos judeus. Eu peguei isso e mandei para um organismo internacional de proteção aos judeus, vítimas de perseguições, violência e tal. Veio uma carta para o Daviasan, eu não pude abrir porque ela veio super selada, a que era para entregar ele. Então o Daviasan ficou assim impactado, me pediu assim: “Não, vamos ficar tranquilos, a partir de agora não precisa isso ser falado, eu vou tomar todas as providências para que não ocorra aqui situações como esta. Então nesse dia eu falei: “Doutor Daviasan, o senhor pediu aquelas desculpas e falou que eu precisasse eu nunca solicitei, hoje eu vim aqui para solicitar.” O pai do Marcos já tinha tido vários derrames, eu falei “O pai do Marcos acabou de ter mais um derrame cerebral”, também judeu como o Davi era, e eu disse a ele “Eu precisaria que o senhor permitisse que o Marcos fizesse uma visita ao pai no Natal”. E aí ele falou assim “Você aguarda que eu te telefone, eu vou fazer umas consultas e vou te dizer.” Depois me ligou, chamou lá no DOPS e me apresentou dois documentos, um pelo, eu tive que assinar termo de responsabilidade para a saída do Marcos para isso. Um termo de responsabilidade e junto ao DOPS e junto à Secretaria de Segurança. Mas para mim a coisa já era certa, era a única possibilidade que se teria de fazer a fuga. Bom eu dei um salto, vou complementar esse assunto da fuga, depois eu vou contar de dois, de duas é tipos de tortura que o Marcos passou na prisão, se eu me esquecer vocês me lembram, que a gente vai fazendo alguns saltos, uma coisa puxa a outra. Bom enfim, o Marcos não sabia, ele foi buscado em Neves, e a ele foi dito que ele viria para prestar depoimento. Então eu já sabia a hora e tudo, então eu já estava aguardando no DOPS, ele chegou, já tudo, já visto comigo, então saímos e tomamos um taxi na porta do DOPS. Aquela história que fugiu pela porta da frente, que saiu nos jornais, sem

eles perceberem, os policiais falando que não sabiam como isso podia ter acontecido, não foi assim né. Então saímos dali, inclusive fomos patrulhados por um carro do DOPS, até a chegada na casa da família dele. Esse pessoal ficou ali naquela esquina, foi dia 24, nós fugimos na mesma noite do dia 24. O dia inteiro ali, de vez em quando eles entravam num cafezinho ali e tal, e o pai do Marcos, que não tinha tido derrame, ajudando e vigiando com a cortina lá, porque era do lado em frente, eles num barzinho vira e mexe entra. Armou-se um temporal enorme, eu antes de sair rápido, e fui na Avenida do Contorno [sic], não estávamos na Avenida do Contorno ali esquina, quase esquina com Grão Mogol, e foi na Getúlio Vargas em frente à Padaria Savassi, ali tinha um ponto de taxi. Eu fui lá, olhei, escolhi uma e fui conversar, que eu tinha uma urgência muito grande de ir dentro de no máximo meia hora, quinze minutos, meia hora para o Rio de Janeiro porque meu pai estava internado em situação grave. Outra coisa não real para poder sair com tranquilidade eu nem sabia se ia poder ser. Então combinamos assim, que ele iria para o posto de gasolina que não existe mais, que é Contorno esquina com Nossa Senhora do Carmo. E ali ele já estaria abastecendo, que eu só chegaria em casa para pegar a bolsa e o meu marido para a gente ir. Aí caiu um temporal. O pai do Marcos deu para nós o guarda-chuva dele, nós saímos pela lateral, pela casa da vizinha, por ali, e fomos pelo lado contrário, nem sei como chama essa rua. Contornamos, passamos pela igreja do Carmo e atravessamos. Pegamos o taxi, saímos ali, pelos menos até aqui deu certo. Mas aí no caminho fomos tendo precauções, como eu tinha essa situação de que meu pai estava assim, eu, sentados atrás, eu deitei minha cabeça no colo do Marcos, e ele falou assim: “Ela está dormindo, a gente vai falar pouco, deixar porque ela está muito, já estava muito tensa com a situação.” E eu fiquei ali, então não descemos nenhum momento para ir ao banheiro, para nada. O motorista parou uma vez, insistiu com a gente, ele falou: “Está dormindo?” Foi ao banheiro e continuamos. A combinação com o motorista, que nem sabíamos o nome, é ele era, chegando na entrada do Rio de Janeiro, Avenida Brasil, agora me lembrei o nome, não me lembrava, na Avenida Brasil a gente, ele deixaria a gente num ponto de taxi, e foi assim ao amanhecer. Descemos, acertamos com ele, ele veio embora e a gente pegou um taxi, eu já estava até com o endereço e o telefone do embaixador da Bolívia, ele era próximo desse estudante de pós-graduação. Então fomos direto para a casa dele, chegamos, ele não nos ofereceu um cafezinho, fomos direto para a embaixada. Agora, o pedido de asilo era só para o Marcos, então eu fui com eles, começamos, nós fomos sem nada, só com a minha

bolsinha, mais nada. Então o Marcos já foi recebido assim, porque o carro de um embaixador também já é território estrangeiro. Então entramos na garagem e pronto. E então visto lá as coisas todas, o embaixador falou comigo assim: “Se a senhora tiver algum problema”, ele sabia das condições que foram feitas a fuga, “Aqui a senhora pode entrar”, chamou a zeladora e disse para ela: “A qualquer hora.” Então dali eu peguei um taxi e fui para a casa de um professor da UFRJ, Antropólogo e que já tinha aceito para me acolher lá [sic], isso tudo eu tinha feito antes. E eu cheguei, passei o dia ali, e tal, a gente conversando sobre a situação toda, então há certa hora, ouvimos os noticiários falando sobre tudo isso, e certa altura da noite, eu sei que eu cheguei na embaixada às 11 da noite, eu calculo que tenha sido próximo às dez da noite, por aí. Liga também um pós graduando em Antropologia, dizendo para o professor que estava voltando de Belo Horizonte onde ele tinha ido passar o Natal, e que o ônibus onde ele estava foi parado na estrada por policiais portando metralhadora, e que entraram dentro do ônibus, não só mostrando a minha fotografia e a do Marcos, como olhando todos que estavam lá. Então esse professor falou “Temos que ir agora para a embaixada.” E aí eu peguei, ele tinha lá, me ofereceu que a embaixada da Bolívia era num prédio em Botafogo, e a embaixada ocupava um andar desse prédio, não tinha, era só escritório, não tinha acomodação para asilados. Então ele me deu uma cama, eu falei isso para ele, ele me deu uma cama, dessas camas que chama de ventos, que fecha ou de campanha, não sei, que tem aquele pano durinho. Eu peguei aquilo e ele me levou até a entrada. Eu chamei já pelo interfone, não sei se interfone ou telefone, não me lembro disso exato né, a zeladora e ela autorizou que eu subisse, dali ele voltou. Bom, então entrei assim essa hora da noite na embaixada, a fuga foi dessa forma. Na manhã seguida, o dia 25, a mãe do Marcos e o pai do Marcos foram ao DOPS, e falaram, contaram uma historinha que, principalmente ela, que assim, é meio na suposição das coisas, e bom, então ficou assim. Já nesse mesmo dia no arquivo público eu li documento também assim: “Foi expedido ordem para todo o Estado de Minas Gerais e depois para São Paulo, Rio de Janeiro e tal, com as características e mandando fazer a busca e tal, tal, tal. Bom, e poucos dias depois, assim, embaixo a gente via pela janela várias viaturas de Minas Gerais, essa coisa toda. Mas assim, a gente já estava ali, felizmente se recuperando de todas essas coisas, mas já com certo alívio. Bom, então voltamos e falamos essa questão desse tipo, isso para mim também é uma tortura, de serem tratados daquela forma, serem cuspidos e molhando o lugar para dormir. Esse é. isso deu nessa situação e outra ainda quando o Marcos

estava no DOPS, ele foi chamado, foi buscado no DOPS para prestar um depoimento. E no caminho ele percebeu que estava saindo da cidade. Eles conversaram só sobre fuzilamento e essas coisas assim, então fizeram, simularam um fuzilamento com ele, então pararam o carro, mandaram ele descer, apontaram para ele, estou esgotando o tempo?

MARIA CÉRES: Não.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Apontaram para ele e nesse momento que estavam assim, um deles saiu com um rádio, conversou e voltou, e falou: “Foi suspenso por hoje o fuzilamento.” Esse foi arrasante na vida do Marcos, é arrasante, porque não só aquele, mas é por enquanto. Bom enfim, esses dois estão narrados inclusive num pedido de anistia que eu fiz para mim mesma junto à Comissão da Verdade [sic], está narrado lá também. Bom à prisão preventiva já vimos, a questão do...

MARIA CÉRES: A saída do...

MARIA DA CONCEIÇÃO: Sim. Ficamos ali e tinha mais dois asilados do Sul do Brasil, esses iriam para o Chile, como foram, e nós, só nós que fomos para a Bolívia. Então o salvo conduto saiu para nós quatro ao mesmo tempo, então nós saímos do Rio de Janeiro para São Paulo e em São Paulo tomamos um avião Loyd Aero Boliviano para a Bolívia, e...

MARIA CÉRES: E lembra quando?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Hein?

MARIA CÉRES: Você lembra em que dia que foi isso?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Foi no finalzinho de Janeiro, os últimos dias de Janeiro de 65. Bom fomos acompanhados, como parece que é de lei, tinha a Interpol, tinha a Polícia Federal nos acompanhando ali na ida para São Paulo e lá até a gente embarcar. Bom, esse avião, por um lado foi uma sorte, porque eram aviões velhíssimos, eles tinham sido comprados pela Paner do Brasil, que tinha fechado, e ele deu pane duas vezes na viagem, uma nós tivemos que ficar em Cochabamba muito tempo. E quando chamaram que a gente podia embarcar, quando a gente estava subindo as escadinhas do avião, de novo solta a tampa do motor e a gente ficou todo cheio de bolha, de coisa de óleo na roupa e tudo. Muito bem, mas se isso foi benéfico porque quando nós chegamos em La Paz, a Interpol não estava presente, nada disso, eles perderam a hora, e não se tinha hoje, (Trecho incompreensível) muito bem. Então lá já estava à junta Militar Barrentos e Ovando Gandia, já eram os ocupantes da direção do país. Agora o Marcos chegou lá depois de um mês mais ou

menos, primeiro mês a gente teve dificuldades, mas de muitos exilados brasileiros, ele trabalhou aqui numa linha de pesquisa que a Bolívia também fazia parte, o projeto, o coordenador geral era um Antropólogo Mexicano, Rodolfo Stavenrager. O Rodolfo foi contatado pelos Antropólogos amigos do Brasil e logo conseguiu encaixar o Marcos no projeto com o contrato pela UNESCO. Então ficamos esse período aí e lá existia em La Paz, um grupo de experts da ONU. Além do Marcos tinha mais dois brasileiros do Rio Grande do Sul, Cláudia Curso, mas não eram exilados, eles estavam como experts e Candau era o sobrenome, não me lembro mais o nome, estavam lá. Tinha também um equatoriano que tinha sido, é não sei se Ministro da Economia, ou do Banco Central, ou era do Banco Central, uma pessoa espetacular também que estava lá, outra área, tinha o Italiano da área de saúde, sei que era uma equipe. Inclusive eles trabalhavam muito em áreas diferentes, mas também na questão da compreensão da situação daquele país, eles estavam sempre conversando. Esse grupo percebeu a situação que o país estava, e de irregularidades muito graves acontecendo e juntos fizeram...

MARIA CÉRES: Na Bolívia?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Na Bolívia. Esse grupo das Nações Unidas, eles redigiram um documento para a ONU relatando, nunca se soube, mas devia ter no grupo algum olheiro. Porque quando saiu a pessoa de lá para levar em mãos o documento ele foi interceptado no Chile, no aeroporto. Então esses, essa equipe toda teve 24 horas para deixar o país, decretado pelos dois generais, mais uma fuga.

MARIA CÉRES: Você também estava no meio dessa...

MARIA DA CONCEIÇÃO: O Marcos era experto da ONU também, e participou da elaboração do documento. Então apesar de que nesse tempo ele estava com um convite de cinco Ministérios da Bolívia pedindo assessoria. Então nós fomos para o Chile, tivemos...

MARIA CÉRES: Você lembra quando?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Hein?

MARIA CÉRES: Você lembra quando, Conceição?

MARIA DA CONCEIÇÃO: É nós ficamos, a Maiura nasceu em Agosto, 16 de Agosto de 65, em La Paz, ela nasceu com um mês e meio antecipada, lá a 4.000 metros de altitude. E nós saímos ela estava com seis meses, então...

MARIA CÉRES: Já foi em 66?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Em 65 ainda, foi 65.

VANUZA NUNES: EM 1966.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ah sim, já podia...

MARIA CÉRES: Ela nasceu em agosto de 65, ela saiu de lá com seis meses.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Eu tenho esses dados certinho [sic], inclusive tudo registrado. Bom então tivemos que ir de trem porque não tinha voo dentro das 24 horas para o Chile, fomos de trem até Antofagasta, passamos pelo deserto de Atacama, essas coisas todas, e chegamos em Santiago do Chile. No Chile ficamos, não sei se onde meses ou um ano, acho que onze meses. Aí também o Marcos teve um convite vindo da UNESCO para que ele integrasse um projeto, um projeto que voltado para a formação de profissionais da Universidade Técnica do Estado, eu também tenho essa carta. E também desse conferências [sic] e algumas aulas e algumas outras áreas lá do país. Então ele ficou com esse trabalho, esse trabalho terminaria mais ou menos no fim do ano, ele já estava com um convite da OIT, que é a Organização Internacional do Trabalho, para ir para Genebra na Suíça, para começar em Maio do ano seguinte. Foi quando saiu o julgamento no Superior Tribunal Federal, Supremo, Supremo Tribunal Federal, foi julgado o pedido de habeas corpus e foi, e ele foi aprovado para todos aqueles professores, começando ali por Eli Bonini e estendendo aos demais, Marcos, Simon, esses todos né. Além da concessão do habeas corpus, a decisão de que fosse trancado aquele processo por faltas de provas. Eu sei, falta de provas e tinha umas expressões mais jurídicas. Eu sei que com isso, com aqueles elementos eles não poderiam reabrir mais nenhum processo. Então, bom isso foi em Novembro.

MARIA CÉRES: De 65?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Isso, 65.

VANUZA NUNES: 66.

MARIA CONCEIÇÃO: 65...

VANUZA NUNES: 66.

MARIA CÉRES: 66?

MARIA DA CONCEIÇÃO: 66.

VANUZA NUNES: 66.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Então nesse momento chegou uma pessoa do Brasil que estava indo passar o natal com exilado da família lá, e essa pessoa relatou que tinha sido, que ele teve conhecimento que tinha sido ocorrido isso e tudo, depois tivemos confirmação por telefone, então o Marcos decidiu. Como ele tinha prazo até Maio para

está em Genebra, que ele queria voltar ao Brasil, porque ele tinha habeas corpus, estava tudo bem. Não sabíamos que a universidade já o havia exonerado dez meses antes do julgamento, a universidade exonerou o Marcos, ex-officio, ou seja, sem direito a defesa, sem ser comunicado, sem nada, em Janeiro desse ano e o Supremo Tribunal julgou e absolveu em Novembro desse ano. Agora veja, o Supremo Tribunal absolve, uma universidade, instituição de origem do professor, comete um ato dessa natureza. Então eu tenho uma grande pergunta que eu transfiro para a Comissão da Verdade, “onde está a justiça, onde está a isenção”? “Que comportamento é esse, o quê que leva uma universidade, como a UFMG sempre foi, e naquela época era hiper respeitada, tomar uma atitude dessa natureza”? Comparando realmente a gente não sabe o porquê? E esse por que seria muito bom que fosse esclarecido historicamente. Bom, enfim viemos ao Brasil, nós chegamos...

MARIA CÉRES: Em 66 vocês vieram aqui?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Do Chile nós viemos ao Brasil, foi em Fevereiro que nós chegamos aqui. Chegamos em Fevereiro [*sic*] porque a gente tinha que fechar casa, entregar, essas coisas todas, terminar os trabalhos lá e tal, chegamos aqui em fevereiro. E o Marcos ficou temeroso de ir à UFMG direto, ele pessoalmente. E ele já estava muito movido com toda a situação de ter um choque, uma coisa, ser maltratado, mal recebido, qualquer coisa dessa forma, e pediu que eu fosse. Eu fui levando o ofício, o documento que registrava a sessão do Supremo Tribunal relativo ao habeas corpus e o trancamento do processo. Então solicitei contato com o reitor, não tive, e fui atendida por uma secretária que recebeu esse documento, e quando eu falei que a gente com base naquilo, que eu queria fazer e ver quais os procedimentos para entrar com o pedido de reintegração, ela me apresentou então esse, que nós não sabíamos, essa exoneração. Bom, ali eu não podia tomar nenhuma coisa, nenhuma medida, eu tinha que levar isso para o Marcos. Nossa, isso foi uma bomba na vida dele, uma bomba. Então ele decidiu o seguinte, estando dentro do Brasil que nós não faríamos nada, isso depois. Ele então entrou em contato com a OIT, confirmou a aceitação dele para ir para lá, e nós saímos exatamente, acho que dois ou três de Maio, do Brasil para a Suíça. O passaporte do Marcos eu tive que recorrer aos advogados da OIT para ser liberado no Félix Pacheco. Ele já com tudo isso resolvido à gente vê como que uma situação assim, o estado que não é um estado de direito acontece, não é? Mas a gente conseguiu, o advogado resolveu, foi com ele resolvemos lá no mesmo dia. Bom, lá em Genebra o Marcos continuou trabalhando

com a América Latina, era a área que ele sempre trabalhou desde a Bolívia até lá. Mas eu notei que esse golpe, desculpe o termo, mas é o mesmo, esse golpe que ele levou da UFMG abalou-o definitivamente, assim fragilizado como já estava, então assim, eu notei um processo de depressão iniciara aí, iniciar ou progredir a partir daí né, e, bom, lá nós não tivemos os problemas que tínhamos na América Latina com os Golpes Militares acontecendo, mas nós saímos do Chile e pouquinho depois acontece o Golpe Militar com a morte do Alendi, essa coisa toda. Brasileiros que foram presos, que ficaram lá dias num estádio de futebol sendo torturados e notícias assim que a gente ia tendo. E cada coisa dessa que chegava, isso só aumenta um certo grau de tristeza, não sei, nem sei determinar isso, sabe? Essa coisa. E aí lá o Marcos foi assim no trabalho muito bem [*sic*], mas os vinhos começaram a ser diários, um estado muito deprimido, principalmente em casa onde ele podia se expressar, mas ele escreveu um trabalho sobre a América Latina, que foi escolhido pelo Diretor Geral da ONU para ser publicado na revista anual, aquela quando tem aquele encontro anual da ONU, então foi o artigo do Marcos e o artigo do diretor. Essa revista ela era publicada em três idiomas, Francês, Inglês e Espanhol. Bom, então desse ponto de vista estava bem. O vice-presidente, na época, da OIT, convidou o Marcos para ir com ele para o Peru, porque ele tinha um trabalho lá e ele queria o Marcos junto com ele nessa equipe. Eu estava grávida de oito meses quando tivesse que ir para o Peru.

MARIA CÉRES: Da Tarina?

MARIA DA CONCEIÇÃO: No avião não me aceitavam.

MARIA CÉRES: Da Tarina?

MARIA DA CONCEIÇÃO: É, da Tarina. E eu falei: “Sozinha eu não vou ficar”, aí tivemos que ir de navio, um mês de viagem. E aí chegamos, a Tarina nasceu em 10 de Setembro de 68. Bom digamos aí os nomes, Maiura tiramos da língua dos Aimaras da Bolívia e significa o de vir, o futuro, a esperança, coisa assim, Tarina ela nasceu na região do Kitios, então, do Peru, então o nome dela significa encontrar, que é um verbo. Bom, então dez dias depois ela nasceu, então nós chegamos no dia trinta, mãe não esquece a data de nascimento de filho. Bom, então o trabalho aí foi bom, mas o Marcos foi afirmando repetidamente que ele não viajaria mais, mudaria para mais lugar nenhum, que vocês venham um ano, um ano e pouco, ou que menos em cada lugar, mudando com tudo de país para país com menino pequeno e tudo mais. E aí quando foi chegando esse trabalho em Lima, seria por um ano, então quando aproximou, foi se aproximando ele disse que ia comunicar que ele não renovaria. E eu

assim, fiz tudo para demovê-lo, não houve meios, então eu estava consciente dos riscos, expus isso para ele e ele não desistiu da ideia. E aí então no fim desse ano a Tarina tinha um ano quando eu vim embora para cá, se ela nasceu em 10 de Setembro de 68, foi em 69, no finalzinho ela já tinha feito um ano. Bom, no final de 69, eu vim sozinha com as meninas e o Marcos ficou porque tinha que entregar a casa, essas coisas todas, finalizar os trabalhos e tal. E de lá ele escreveu algumas cartas que tem coisas muito assim importantes, da forma pela qual ele decidiu por isso, e aí era aquela questão quando a pessoa fala assim: “Olha eu quero estar no meu país de qualquer jeito”, então veio, mas chegou aqui não tinha como manter a família, eu tinha interrompido o meu curso, felizmente eu tinha trancado a minha matrícula, que mais à frente eu pude retomar, e ele conseguiu o primeiro, um trabalho. Compramos um sítio com as economias que a gente tinha feito lá em Petrópolis, por incrível que pareça não deve ser longe dessa casa da morte. Mas felizmente nunca tivemos problema. O Marcos conseguiu um trabalho no Rio de Janeiro, assim um amigo dele que indicou para uma tarefa de sociólogo junto à TRANSCON, que era uma companhia, uma organização de construção de grandes estradas no Brasil e tal, que tinha que fazer levantamento socioeconômico, essas coisas assim. Ele começou o trabalho, mas não demorou, foram duas semanas, o diretor era um militar, foi chamado e demitido. Então a gente, ele criou um projeto tal, acho que um pouco ilusório de viver de economia de subsistência, tentamos, mas não foi possível, depois de certo tempo a gente tirar da terra tudo que a gente precisava. E aí eu tive que fazer um tratamento ginecológico e nesse meio tempo eu engravidei de novo, estando nesse sítio. Então quando chegou lá perto do oitavo mês eu falei assim: “Eu não fico mais, não tem condições de três crianças pequenas aqui.” E aí eu fui para a casa do meu pai, e ele para ter, em Juiz de Fora, onde nasceu meu terceiro filho, e ele foi para Belo Horizonte para a casa da mãe para tentar trabalho. Aí eu, Rero, que tem nome Carajás, do Brasil central, que significa o caminho, aí deu uma frase sem a gente querer, a esperança de encontrar o caminho. Então o Rero nasceu no dia 04 de Julho de 72, e o Marcos morreu em Novembro de 75, ele estava com três anos.

MARIA CÉRES: E o Marcos, qual que era a idade do Marcos?

MARIA DA CONCEIÇÃO: 41.

MARIA CÉRES: Quanto ele morreu?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Quando morreu. Bom, aí em Belo Horizonte a primeira visita que ele fez foi na Fundação João Pinheiro, e tudo assim, foi bem recebido,

aquela coisa toda, e isso, aquilo. Ele foi lá em Juiz de Fora, falou: “Pode arrumar tudo para ir com as crianças, vai que eu estou arrumando isso na Fundação João Pinheiro.” Quando chegamos não tinha sido aprovado, e aí essa via-crúcis continuou, ele tinha muitas habilidades artísticas para pintura, escultura, essas coisas todas, para não ficar em casa ele alugou uma salinha na Getúlio Vargas, e lá ele começou a trabalhar escultura em madeira, esculpiu alguns totens que também é narrado no livro do Professor Fábio Martins, que foi lá visitá-lo. Hoje tem um grande escultor em madeira já conhecido aqui em Belo Horizonte, que começou a trabalhar ali junto com o Marcos, João Neres. O João Neres trabalhava junto com o Marcos ali, eles tinham aqueles livros todos de vários povos indígenas do mundo inteiro, se inspiravam em coisas daquela ali, tal, tal. Sim, mas aí a depressão não se segurava mais, o processo do alcoolismo tampouco. O Marcos teve uma crise, eu consegui um trabalho, primeiro eu fui trabalhar num colégio especializado, Edouard Clabarret, Instituto Brasileiro Edouard Clabarret, eu tinha apreendido um pouco de francês na Suíça, então eu traduzi metas e tudo, e acho que uns dois meses eu comecei, fiquei como coordenadora do turno da manhã e à tarde, não é o contrário, à tarde eu fiquei na coordenação e de manhã eu dividia com, alguma coisa assim que eu não me lembro muito bem. Mas eu fiquei aí até 75, três anos, chegamos em 72 aqui, até 75. Em 75 a FUNDEP estava sendo criada, a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa da UFMG, então uma professora, muito amiga nossa, ela conversou com o Cis Alpino, e aí o Cis Alpino, reitor, eles acharam que o caminho ali, que com o Marcos não seria uma coisa assim, teria que estar movendo processos e tudo. E aí então ele estudou a forma de eu entrar para trabalhar na FUNDEP. Na FUNDEP eu comecei também traduzindo cartas de uma Antropóloga parisiense, Anete Leme Amperrer, que inclusive morreu acidentalmente aqui no Brasil. Uma carta longa trocando informações sobre um museu do homem que a Doutora Juca tinha ideia de desenvolver junto à universidade aqui né. Então, e depois passei para o setor de projetos. Então eu passei a ser a pessoa que mantinha a família né, o Marcos ajudava as crianças nos para-casas porque eu tive que dobrar, trabalhar dois horários no colégio e depois lá na universidade. E o Marcos foi piorando de saúde, não tínhamos plano de saúde, eu peguei uma carteira do trabalho, fui ao INSS para ver que possibilidade teria dele ficar como meu dependente. Levei alguns documentos, e aí quando eu vou buscar a carteira com a água o carimbo está aí também para vocês verem, era “Marido Inválido”. Um minuto.

MARIA CÉRES: Tudo bem.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ele não chegou a ver isso, mas ele teve um crise muito [sic] forte e uma ex-colega minha de faculdade falou comigo “Você procura o Célio de Castro”, o Célio de Castro trabalhava no hospital no caminho da Pampulha, agora não me lembro.

VANUZA NUNES: Santa Mônica.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Santa Mônica, ele trabalhava lá, eu fui lá pessoalmente, conversei com o Célio e ele não fez nada mais do que isso, me botou no carro e foi lá em casa. E aí ele desenvolveu uma amizade enorme com o Marcos. Não demorou, não demorou assim acho que quase dias porque ele já estava muito mal, ele teve uma crise de cirrose hepática muito forte, então o Célio o levou para o SEMPER, Hospital SEMPER onde ele também trabalhava. E o Célio assumiu esse, todo o tempo que ele ficou lá e foi muito grave, ele teve uma ciste enorme, a barriga super despendida, imensa, e quando se fez ali a punção, que seria para aliviar, porque isso também promove assim e provoca dores horríveis como eu acompanhei [sic], ele ficou muito, muito fraco, parecia que ele não ia conseguir sobreviver. Mas de repente, com o acompanhamento dele, a equipe toda se revezava acompanhando, um ia à noite, outro aqui, outro ali. Sei que eles acompanharam até que descobriram alguma coisa, acho que foi um dos médicos foi o Amair, que identificou isso, o Amair Gomide, que era da equipe do Célio. Que estava havendo alguma coisa que estaria não permitindo, o ureter estava com um entupimento, com alguma coisa. Aí trabalharam nisso aí e pronto, ele saiu dessa crise, por pouco tempo. Bom, então eu não sei qual foi esse tempo todo, mas foi, bom, eu comecei a trabalhar em 72, em 75, no período de férias, eu fechei meu contrato na, no Instituto e passei para a FUNDEP, no mês de Agosto, eu comecei na FUNDEP, ele morreu em Novembro. A primeira crise eu ainda estava, eu ainda estava trabalhando no instituto, e então ele faleceu no dia 19 de Novembro de 75. Bom, e aí eu não tinha tempo para nem pensar muito, eu tinha três filhos que dependiam exclusivamente de mim, memória real tem isso aí, né, a gente revive também. Bom, mas enfim, eu tinha um apartamentinho muito pequenininho na Serra, já tinha comprado com a venda do carro que a gente trouxe de fora do exterior, com o que tinha sobrado, e eu trabalhando na FUNDEP ficava muito distante, só tinha eu para olhar esses filhos também. Então eu providenciei e comecei a procurar, entrei com esse apartem-no na compra do outro, e me mudei para pertíssimo da UFMG, dois quarteirões quase. E aí os meus filhos fora fazendo, um atrás do outro, ia fazendo, entrando na seleção para o centro pedagógico, então eles passaram de

grupo escolar, sempre em escola pública, foram passando e entrando, todos conseguiram. Entraram e estudaram no centro pedagógico, depois no colégio técnico e depois a graduação na UFMG. Então a minha filha mais velha, a Maiura, tinha dez anos quando o Marcos morreu, a Tarina sete, o Rero três, três anos. Eu tinha trinta e dois anos, ainda assim né, é para enfrentar uma dureza dessa não é fácil. Mas aí foi, as coisas foram encaixando, o trabalho na FUNDEP foi muito bom, eu abri o processo pedindo a reintegração do Marcos que saiu no dia, ou seja, o depósito foi feito exatamente no dia que a Maiura se formou no departamento de química na UFMG, então a...

MARIA CÉRES: Ele chegou a ser reintegrado?

MARIA DA CONCEIÇÃO: A nessa, por esse pedido meu, eles anularam...

MARIA CÉRES: Pois é após a morte?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Isso. Pós-morte, após a morte. Então eu pedi anulação primeiro do ato de exoneração [sic] porque foi ilegal e depois o de rein [sic], e com isso a reintegração eu não sei eu poderia chamar assim, eu não sei juridicamente como foi, foi um novo processo partindo desse, para receber a pensão, bom...

MARIA CÉRES: Você lembra quando foi isso, Conceição?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Hein?

MARIA CÉRES: Você lembra que você falou que foi quando ela...

MARIA DA CONCEIÇÃO: Eu tenho os dois processos guardados em casa.

MARIA CÉRES: Que foi quando a Maiura, formou.

MARIA DA CONCEIÇÃO: A data? 10, 08 anos, 08 anos. Então 08 anos depois de 75, ele morreu em 75, 08 anos depois ela estava formando né, porque ela tinha dez anos, se formou com dezoito na graduação.

MARIA CÉRES: Na graduação não, no Colégio Técnico?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Não, na UFMG, na graduação.

MARIA CÉRES: Pois é, mas com 18 anos ela não...

VANUZA NUNES: Ela só entrou.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ah não é com 18 anos, não, tem razão, 21, 18 anos, ela entrou com 17 para 18 anos, é isso aí. Então por aí, mas eu tenho também isso aí, depois eu posso, na memória é difícil guardar todas as datas, não é?

VANUZA NUNES: 86.

MARIA CÉRES: 86 seria.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Uhum.

MARIA CÉRES: Não. É só para a gente, para poder ter informação...

MARIA DA CONCEIÇÃO: Tenho mais ou menos depois...

MARIA CÉRES: Para ver se a gente consegue também lá nos (Trecho incompreensível).

MARIA DA CONCEIÇÃO: Eu me disponho a fazer cópias e mandar.

MARIA CÉRES: Tudo bem, ótimo.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Bom, então foi mais ou menos isso aí, hoje os meus três filhos todos já tem doutorado, pós doutorados, a Maiura é química, professora em Viçosa, a Tarina é médica, trabalha em Belo Horizonte, e o Rero é físico e trabalha na Universidade de Itajubá, na Federal. Então assim, desse ponto de vista eu consegui...

MARIA CÉRES: Você se aposentou na FUNDEP?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Cumprir minha tarefa.

MARIA CÉRES: Você se aposentou na FUNDEP?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Eu me aposentei na FUNDEP, é agora vai ser difícil eu me lembrar aqui [sic], eu me aposentei acho que 96 ou 97, eu também tenho o ato, a Publicação no Diário Oficial. Eu voltei para a UFMG, para UFMG assim, a estudar, aí eu já fiz o curso na FAFICHI porque o curso de Sociologia tinha sido encerrado né, e++.

MARIA CÉRES: Fez Ciências Sociais Maria?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ciências Sociais. E meu cargo na UFMG era de Socióloga. Então, bom, foi mais ou menos isso.

MARIA CÉRES: Eu acho que está muito bom, entendeu.

VANUZA NUNES: Está bom.

MARIA CÉRES: E acho que não preciso mais fazer questões que eu fui pedindo para você ir, você falou que o Marcos morreu com quarenta e...

MARIA DA CONCEIÇÃO: Um. Quarenta e um ano [sic].

MARIA CÉRES: Anos.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Anos.

MARIA CÉRES: Ele era nascido então...

MARIA DA CONCEIÇÃO: Em Fevereiro, cinco de Fevereiro, cinco de Fevereiro de, acho que 39, cinco de Fevereiro de 39.

MARIA CÉRES: De 39. Então isso, você tem mais alguma questão.

VANUZA NUNES: Não. Já está tudo esclarecido.

MARIA CÉRES: Então a gente agradece a você e o senhor Armando está aí, para te ligar, e dizer que eu acho que foi nessa época depois da morte do Marcos que eu te conheci.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Como?

MARIA CÉRES: Que eu te conheci.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ah sim, foi verdade.

MARIA CÉRES: As crianças eram pequenas, por causa da relação com o Célio, com o Evilásio, com o pessoal.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Exatamente.

MARIA CÉRES: A gente, foi que a gente se conheceu, mas eu acho que o Marcos já tinha morrido.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Já, já.

MARIA CÉRES: Quando eu conheci você.

MARIA DA CONCEIÇÃO: O CÉRES, eu assim gostaria de colocar assim uma questão para a comissão, tanto daqui como nacional, é o Marcos foi muito abandonado pela UFMG. Não há, a nível da instituição [sic], nunca houve nenhum, nenhuma menção, nenhuma coisa favorável.

MARIA CÉRES: A universidade fez uma, eu vou te perguntar, posteriormente, não tem muito tempo, quando houve a lei da anistia e as pessoas foram reintegradas, as que tinham sido aposentadas compulsoriamente, o conselho universitário fez uma cerimônia de reintegração dessas pessoas, o Marcos não foi chamado, não mais ele, mas assim vocês representando, não foram?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Não.

MARIA CÉRES: Não?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Nem tive notícia. Agora, teve um evento quando estava funcionando o projeto Museu do Homem não é, a Professora Cleonice Pitanguí, ela fez uma exposição do Palácio das Artes denominado o Tributo a Rubinger. E ela, eu emprestei todo o material dos índios Machacali, ela fez a exposição baseada nisso, e o Professo Cid Veloso, eu tenho que fazer esse destaque, ele estava presente, ele falou sobre a situação e depois me passou a palavra e eu também.

MARIA CÉRES: Eu lembro dessa exposição [sic], você lembra que ano que foi isso, Conceição?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Não, mas eu tenho o material.

MARIA CÉRES: Depois você me manda esse material, depois.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Está. Eu tenho até cartazes que eu guardei.

MARIA CÉRES: Está bom. Mais alguma coisa, gente?

VANUZA NUNES: Não.

MARIA DA CONCEIÇÃO: E foi na gestão do Professor Silvio Vasconcelos que saiu, que foi aprovado pela UFMG, a reintegração, não sei se é o termo, não é, do Marcos à universidade.

MARIA CÉRES: Silvio Vasconcelos?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Silvio Vasconcelos Pinheiro.

MARIA CÉRES: Não, Celso.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Celso. Celso, o Silvio é pai, é o Celso.

MARIA CÉRES: Celso Vasconcelos Pinheiro?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Exatamente. Que foi, que era um dos que estavam no processo junto com o Marcos e os demais. Então é isso.

MARIA CÉRES: Está bom então. Olha, a gente agradece muito, entendeu. E se depois tiver alguma questão que você queira nós falar ou acrescentar, etc, aí você tem nossos telefones, os e-mails, etc. E o material que você puder passar para a gente já agora, a gente depois pode tirar xerox e devolver para você, e se você achar, encontrar mais algumas coisas assim, desde que não melhore a sua alergia, não piore a sua alergia, você vai, se tiver alguma coisa para passar para a gente, para a gente seria ótimo.

MARIA DA CONCEIÇÃO: Ok.

MARIA CÉRES: Está bom?

MARIA DA CONCEIÇÃO: Está bem.

MARIA CÉRES: Então muito obrigada.